

EDITORIAL

POR UMA ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA

Por *Dagoberto Buim Arena*

Os enunciados da linguagem escrita – objetos de aprendizagem – são meios fundamentais no processo de humanização. A apropriação dos enunciados ideológicos não é, entretanto, o fim, porque o porto orientador de chegada é o da formação humana. Não há enunciado sem um gênero que o acolha e não há um enunciado sem a substância da cultura e o tempero dos julgamentos, da valorização, da apreciação humana. Em seu processo de alfabetização, as crianças não se apropriam, por essa razão, dos enunciados escritos compostos por signos esterilizados, mas por signos que expressam a cultura histórica e social de uma nação, temperados com as particularidades que caracterizam as classes sociais e os posicionamentos políticos e morais em situações reais de vida. É esse enunciado o objeto de aprendizagem que assume seu papel na humanização porque é gerado na relação entre os homens e que se mantém vivo na escola em virtude da troca entre professores e crianças, considerados seres em desenvolvimento.

Temos, portanto, um cuidado, entre outros tantos: o de distanciamento de alguns princípios amparados nas ciências da natureza, tal como o da necessidade de desenvolvimento de consciência fonológica. Nesse esforço de criar modos humanizadores de pensar a alfabetização, recompomos condutas intelectuais fundamentadas em estudos de áreas de certas vertentes da semiótica, da filosofia da linguagem, da psicologia,

da didática e da antropologia, entre outros campos, que redimensionam e reposicionam a linguagem escrita nas trocas humanas. Intencionalmente, não usamos o termo discurso nem o adjetivo discursivo, porque, por nos alinharmos aos estudiosos de origem soviética, como Volochinov, Medvedev, Bakhtin, Vigotski e a alguns de seus seguidores, observamos que melhor que discurso seria a escolha do termo enunciado, para designar a manifestação concreta de um mediador das trocas humanas. Ao aprender como os homens trocam cultura, como dialogam pelos enunciados da linguagem escrita, as crianças, com o estatuto de sujeitos ativos nessas trocas, se humanizam. As experiências de professoras relatadas na seção “Eu faço assim” indicam esses caminhos que queremos abrir.

Este boletim pretende, com sua circulação, se posicionar como espaço de resistência contra a brutalidade da desumanização escancarada em políticas, planos e métodos, concretizados em livros, cartilhas e apostilas de fácil consumo, e, também, como contraponto à literacia e ao alfabetizar-letRANDo, oferecer as possibilidades para a elaboração nas salas de aula práticas de alfabetização potencialmente humanizadoras. Este é o espaço também para a ousadia e para a escuta da voz das crianças. Sem sonho, ousadia e escuta, a vida e a alfabetização definham, abraçadas uma à outra.

ÍNDICE

- 1 Editorial
- 2 **De professor para professor:**
Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural
- 4 **Eu faço assim:**
Escrevendo textos na alfabetização
- 6 Mural

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

LINGUAGEM ESCRITA: UM ARTEFATO HISTÓRICO E CULTURAL

Por *Dagoberto Buim Arena*

Em sites de instituições que atendem à demanda de vasto público, é comum haver uma aba chamada perguntas frequentes com o intuito de que sejam evitadas a sobrecarga do sistema para responder a perguntas e dúvidas semelhantes. As respostas se antecipam a perguntas em virtude da experiência dos idealizadores do site. Nesse espaço, é possível, também, antecipar respostas a dúvidas sobre alfabetização.

Uma delas, a mais frequente, é a que aplica, no início da formulação, o pronome interrogativo Como que sugere certa incredulidade em relação à crítica a algumas práticas e à recomendação de outras. Poderiam muito bem ser estas: Como elaborar práticas que tenham por finalidade uma alfabetização humanizadora? Como não ensinar a pronúncia isolada do fonema e sua correspondência grafêmica? Como a criança vai colocar a letra no papel se ela não isolar o som e tomar consciência de seus pontos fisiológicos de sua articulação e de sua produção? Como ela vai escrever se não souber pronunciar algumas sílabas (as mais frequentes do tipo consoante + vogal - CV) e juntar uma à outra para formar palavras na escrita, ouvindo a sua própria pronúncia?

Todas essas dúvidas, por serem tão frequentes, já trariam nelas mesmas os traços das respostas. Mas as respostas são dadas por olhares diferentes em campos diferentes. Se o campo for o das ciências da natureza, a aporte teórico principal virá da fonologia, da neurologia e de tendências da psicologia cognitiva.

Se o campo for o das ciências humanas, as referências para as respostas serão outras, distantes do funcionamento da produção de sons pela boca, dos sons ouvidos pelos ouvidos, dos dedos que traçam sinais e das letras que obrigatoriamente devam representar sons. As referências estarão dirigidas

para a linguagem escrita, em vez da linguagem oral, porque o objeto de ensino é essa linguagem escrita que realmente liga os homens em suas trocas.

Por isso, é a mente humana que, na troca com o outro, se apropria de um artefato histórico e cultural – a linguagem escrita – constituída por unidades de sentido que se vinculam à linguagem oral não pelos elementos técnicos (sons e letras), mas pelos sentidos compartilhados entre ambas. Os sentidos são registrados ora por sons, ora por caracteres. São duas aprendizagens com suas próprias especificidades. A criança que não tem meios fisiológicos para falar, para ouvir ou para mover os dedos pode aprender a ler e a escrever, porque a escrita é gráfica, visual, materializada em enunciados concretos que escorrem cheios de sentidos pelos quase infinitos suportes: papel, tela, areia, tecido, pedra, folha e muitos outros mais.

Foco da alfabetização humanizadora

Por tudo isso, o olhar e as ações do professor não são orientados, ao criar as condições ótimas para uma alfabetização humanizadora, pelo funcionamento da fisiologia dos órgãos físicos do corpo humano – articulação entre boca, ouvidos e zonas cerebrais – objetos específicos das ciências da natureza. Por se situar no campo da educação, nas ciências humanas, e eleger a linguagem escrita como meio de trocas sociais, a alfabetização cuida da humanização da criança em formação, pelo estudo e a apropriação da constituição gráfico-ideológica dos enunciados e do desenvolvimento de uma consciência gráfica, isto é, um modo de pensar que percebe as funções dos caracteres, tão diversos quanto sejam as exigências das trocas, na criação e recriação de sentidos.

Por isso, não há lugar, também, para o olhar puramente linguístico que analisa os princípios de criação da língua escrita entre os gregos – a alfabética – e os quer manter a ferro e fogo no ensino dos enunciados ideológicos hibridizados nos dias de hoje.

Não há lugar para um olhar dominado pelo mecanismo grego de construção alfabética da língua escrita, porque ela já não é mais tão alfabética. Não há lugar para um olhar exclusivo sobre o objeto – uma palavra – sem que ela esteja em uma cadeia enunciativa. Não há lugar para um olhar para fonemas e grafemas isolados como elementos técnicos estéreis de construção da palavra, porque esse olhar elimina os homens, elimina professores e alunos como pessoas cheias de vida, elimina suas trocas sociais e suas trocas verbais. Não há lugar para o que afasta a alfabetização de seu caminho para a humanização.

O que é prioritário ensinar e aprender?

E, então, como alfabetizar se não se ensinar os elementos técnicos constituintes da língua oral? Não são elementos, como considerou Vigotski, mas são unidades. E mais: o que interessa na aprendizagem são as unidades componentes da palavra escrita em vez das unidades da palavra oral. E não apenas as unidades-letras, porque são poucas para dar conta dos sentidos das palavras e dos enunciados e dos gêneros e de suas situações. São os caracteres, todos agora expostos pelo teclado dos celulares: os caracteres antigos – as letras, os pontos, os números, a dupla caixa (maiúsculas e minúsculas simultaneamente) de fontes variadas – e os mais jovens, os emojis, os gifs, os emoticons. São esses caracteres os construtores dos enunciados ideológicos, com sentidos múltiplos, elaborados de modo partilhado nas trocas entre os homens, entre professores e crianças em sala de aula.

Uma outra pergunta que pode receber uma resposta antecipada se refere à disputa entre a aprendizagem do ato de ler e do ato de escrever: o que é prioritário aprender? Novamente aqui a resposta tem a ver com o campo que responde. Para nós, no processo de humanização, é necessário que a criança se aproprie do objeto culturalmente criado pelos homens na relação com os professores, colegas, familiares e com todos os demais de seu entorno.

Portanto, é pela apropriação dos atos de ler e de escrever que a criança vai compreender as funções da linguagem escrita e o modo de operar por ela; que

vai entrar por novas portas para conhecer o mundo construído pelos homens, para compreendê-lo e para transformá-lo.

O outro campo, o das ciências da natureza, pode insistir que é preciso prioritariamente aprender a escrever estabelecendo relações estreitas entre a produção de um som físico e sua correspondência gráfica, também física, apoiadas no desenvolvimento de uma consciência fonológica.

Essa conduta, do nosso ponto de vista, despreza os enunciados concretos da linguagem escrita, criada na relação entre as pessoas, para ceder o lugar principal à vocalização de fonemas, sílabas, palavras fora de enunciados, ou, no máximo, de frases isoladas para a identificação de fonemas.

O foco da aprendizagem desloca-se, deste modo, em direção à oralidade e a seus elementos constitutivos, já que, desse ponto de vista, para ler seria necessário a criança aprender a pronunciar letras e sílabas, sem nada compreender e, para escrever, bastaria registrar letras ou sílabas grudadas umas às outras, mesmo que não fizessem sentido algum, porque a expectativa do adulto seria apenas a de verificar se a criança coloca as letras de acordo com a pronúncia. Mas não se sabe se a pronúncia de referência seria a dela, criança, da professora, ou de apresentadores de TV, ou, ainda, uma pronúncia artificializada.

O velho ditado cumpre essa função de afastar a criança de seu real objeto, porque a obriga a aprender a escrever uma palavra sem nunca a ter visto. E, se a viu, não pode recuperar a sua fisionomia de memória, porque a referência tem de ser essa pronúncia imprecisa e socialmente variável.

A criança coloca para fora, objetiva, concretiza no papel algo que ela não sabe o que é. O bom caminho parece ser o que oferece a ela, desde o início da escolarização e de sua vida, os enunciados vibrantes da linguagem escrita e suas unidades de sentido.

VIGOTSKI, Lev. *Pensamiento y habla*. Buenos Aires: Colihue, 2012.

EU FAÇO ASSIM

ESCREVENDO TEXTOS NA ALFABETIZAÇÃO

Por Raquel Pereira Soares

Apresento nesse relato uma atividade de ensino desenvolvida em uma pesquisa de mestrado com crianças em processo de alfabetização do segundo ano do Ensino Fundamental numa escola da cidade de Uberlândia – MG.

Parti do princípio de que

É NECESSÁRIO INTRODUIR A CRIANÇA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS QUE PERPASSEM A VIDA COTIDIANA TANTO DENTRO COMO FORA DA ESCOLA, E, ASSIM, DESENVOLVER UM ENSINO VINCULADO AO COTIDIANO,

envolvido em situações de aprendizagem em que o texto seja o protagonista e que a criança aprenda ler e escrever manipulando materiais escritos socialmente. Por isso, as crianças foram convidadas a produzir um blog e nele publicar lides jornalísticos que encabeçam notícias. Lide é a abertura da notícia ou da reportagem; aparece nos primeiros parágrafos do texto e expõe resumidamente o assunto ou destaca o principal dado da notícia.

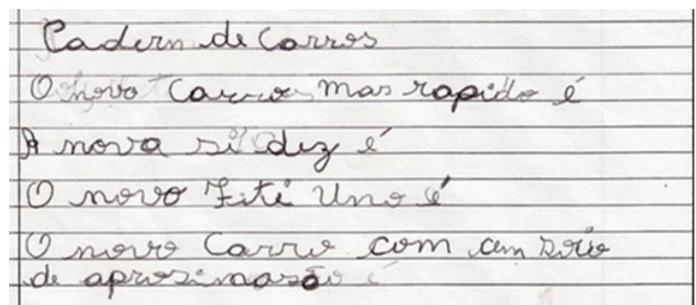
A proposta tinha como objetivo principal a produção de lide e contemplou a familiarização das crianças com o jornal a fim de que conhecessem sua organização, para depois aplicá-la ao blog. Nesse mesmo processo, também foi dado destaque à estrutura composicional do lide que seria produzido pelas crianças para que fosse iniciado o processo de escrita e de sua publicação em formato online.

Inicialmente, aprenderam a organização de um jornal, leram suas matérias, aprenderam a localizar as notícias e a dobrá-lo de acordo com a paginação. Em seguida, foi feito o processo de organização e planejamento do blog. Elegemos o nome dos cadernos e o assunto de cada um deles, escolhemos o nome

do jornal e decidimos qual seria o prazo final de publicação. Por fim, iniciamos o processo de escrita do lide ou cabeça, como é chamado no Brasil.



Após a escolha do tema, as crianças se uniram em duplas e iniciaram a produção da primeira escrita. Sem ter contato com o gênero ou estudá-lo de forma mais específica, inseriram em seus escritos seus saberes sobre o gênero, o tema e os arranjos que já sabiam fazer. Uma das duplas que participava apresentou o seguinte texto:



Transcrição:

Caderno carros

Cadern de Carros O novo Carro mas rapido é A nova si dez é O novo Fiti Uno é O novo Carro com cem sorriso de aproximação é (sic).

A escolha do tema pelos alunos foi motivada por um jornal, levado à sala por mim, que divulgava o salão de automóveis de São Paulo a ser realizado no início do mês de novembro de 2012. A reportagem expunha os modelos de carros citados no texto das crianças, que seriam lançados no ano de 2013.

A escrita dos alunos ME e P era similar à de outras crianças da sala, já que as frases não faziam ligação umas com as outras: traziam uma nova informação a cada frase e assemelhavam-se muito aos textos das cartilhas, nos quais o sujeito é repetido a cada novo enunciado.

Após a leitura detalhada dos textos, conclui que as crianças ainda não tinham se apropriado da estrutura do lide, não sabiam construir a coesão entre os enunciados e escreviam textos parecidos com as cartilhas porque era o material a que elas tiveram acesso em experiências anteriores.

ANTES DA PRODUÇÃO DA SEGUNDA ESCRITA, APRENDERAM A PLANEJAR O TEXTO, PORQUE PARA ESCREVER TAMBÉM É IMPORTANTE A AÇÃO DE PLANEJAR, PENSAR NAS IDEIAS OU INFORMAÇÕES QUE SERÃO COLOCADAS OU DESCARTADAS, REGISTRAR AS PALAVRAS-CHAVE, OU SEJA, ESSE MOMENTO É ESSENCIAL PARA A PRODUÇÃO E PRECISA SER ENSINADO.

Assim, a partir dos seus escritos, planejei as aulas com objetivo de estudar a estrutura do lide, ler notícias sobre os temas escolhidos e realizar a reescrita do primeiro texto. Depois, passaram a produzir seus textos utilizando o teclado do computador ao invés do lápis e do caderno. O ensino do planejamento foi feito a partir das perguntas que orientam a estrutura composicional do lide: O que? Onde? Quando?

Por quê? A transcrição a seguir mostra o planejamento do texto dos alunos ME e P, antes da segunda escrita:

O quê? Os novos modelo de carros.

Onde? Na tv.

Quando? 3 de novembro de 2012.

Por quê? A parecel tv.



Feito o planejamento os alunos ME e P redigiram um novo lide apresentando as informações de forma mais clara e distinta dos textos da cartilha: Ao final desse percurso de estudos e revisões, ME e P redigiram o lide da notícia que interessava a eles e ligado ao contexto social em que estavam inseridos. A publicação do lide em um blog permitiu que outras pessoas da escola, da família e até mesmo de outros locais o lessem.

Os meninos se apropriaram de uma forma real e social de escrever e desenvolveram seus atos de ler e de escrever devido ao fato de terem criado um lide jornalístico.

SOARES, Raquel Pereira. O uso do blog na alfabetização. 2013. 156 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13950/1/UsoblogAlfabetizacao.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

MURAL

DIÁLOGO COM OS LEITORES

“A alfabetização é um momento muito importante na vida das crianças e dos adultos que fazem parte desse processo. [...] vivemos em um tempo que não cabe mais o trabalho com metodologias sem contextos e sem significações, com frases soltas, palavras sem sentidos desvinculadas de gêneros do discurso que circulam na sociedade, que não ajudam na formação de crianças escritoras e leitoras que queremos formar”. **Professora Luciana Rosa** 1º Ano-C, EMEF Nivando Mariano dos Santos, Marília-SP.

“O boletim [...] recomenda uma linguagem viva em um processo de alfabetização que torna a criança sujeito da história, cria cultura e é transformador”. **Professora Renata Maria de Lima Ferreira**, 1º ano-E, EMEF. Nivando Mariano dos Santos, Marília-SP

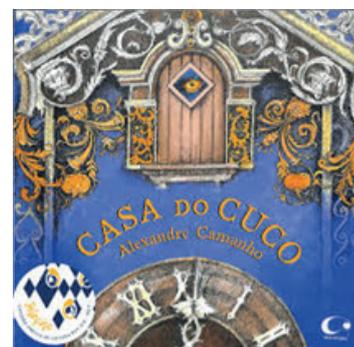
“Pensar a alfabetização numa perspectiva humanizadora é afastar-se completamente da alfabetização como decodificação. É levar o educando a apropriar-se da cultura escrita, sendo ativo em todo processo, com interesse, autonomia e criticidade. É acreditar numa educação transformadora, que antes de mais nada leva em consideração a formação do sujeito/homem”. **Professora Gilmara Ribeiro Esteves**, 1ºAno-F, EMEF Nivando Mariano dos Santos, Marília-SP

“O boletim Alfabetização humanizadora: vez e voz às crianças! é um instrumento de diálogo, reflexão e anúncio de uma práxis alfabetizadora numa perspectiva humanizadora. Destaco esses aspectos porque ele traz elementos teóricos que contribuem para a reflexão sobre as práticas alfabetizadoras que consideram as crianças como seres pensantes. Não se limita aos aspectos técnicos do ensino da linguagem escrita. O boletim “traz gente dentro” na medida em que as práticas são apresentadas em primeira pessoa, pelos professores, num diálogo teoria-prática fundamental para a análise e transformação das nossas práticas alfabetizadoras. Como professora dos anos iniciais da Rede Municipal de Ensino de São Luís, Maranhão, sinto a necessidade de realizar o diálogo com múltiplas vozes e de maneira teoricamente fundamentada.

Nesse sentido, a leitura do boletim foi muito significativa e estou aguardando o próximo para ampliar meus conhecimentos sobre a alfabetização numa perspectiva dialógica e humanizadora e dialogar reflexivamente com outras práticas/vozes”. **Professora Patrícia Torres de Barros**, 3º ano do Ensino Fundamental e Coordenadora da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Luís, Maranhão.

LITERATURA NA RODA

Como o cuco foi parar dentro de uma casinha de relógio? Como pode ele, um prisioneiro, ser o protetor dos pássaros da floresta? Alexandre Camanho nos conta com palavras e ilustrações belíssimas.



COMPARTILHANDO IDEIAS

As crianças se transformam ao transformarem a natureza. Em um passeio, colete algumas folhas de tamanhos e desenhos diferentes. Pinte-as com tinta guache (pincel ou dedo) e use-as como carimbo em diversos trabalhos de produção coletiva ou individual.



FIQUE POR DENTRO

Para entender o conceito de *leitura escrita* e *lescrever* acesse o artigo indicado:

ARENA, Dagoberto Buim. Nem literacia, nem letramento, mas leitura escrita e lescrever. Revista brasileira de alfabetização, v. 13, p. 71-87, 2020. Disponível em: <https://revis-taabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/458>